

Joseph Storer Clouston

VANDRAD O VIKING

A CONTENDA E O FEITICO



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Vandrad the viking, or the feud and the spell

Texto

Joseph Storer Clouston

Tradução

Maria Silvia Mourão Netto

Revisão

Agnaldo Alves

Cleusa S. Quadros

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Diagramação

Linea Editora

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Andrey1005/Shutterstock.com;

Bourbon-88/Shutterstock.com;

LongQuattro/Shutterstock.com;

Jana Mi/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C647v Clouston, Joseph Storer

Vandrad, o viking [recurso eletrônico] : a contenda e o feitiço / Joseph Storer Clouston ; traduzido por Maria Silvia Mourão Netto. - Jandira : Principis, 2021.

160 p. ; ePUB ; 2,7 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Vandrad the viking, or the feud and the spell
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-442-0 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Netto, Maria Silvia Mourão.
II. Título. III. Série.

2021-1214

CDD 823.91
CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91
2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



NO MAR OCIDENTAL

Muito tempo depois de o rei Estein ter se reunido aos seus ancestrais na ilhota mais além de HERNERSFIORD, e de Helgi, conde de Askland, ter se tornado nada mais do que uma lembrança dos tempos de guerra, os bardos de Sogn ainda cantavam as proezas de Vandrad, o Viking. Era uma história repleta de magia maravilhosa, com algumas passagens surpreendentemente difíceis como diziam. Mas, lendo nas entrelinhas, a magia guarda uma poderosa semelhança com muitos feitiços dos dias de hoje. Quanto aos golpes de espada, eram necessários para o guerreiro ser imbatível na Noruega de então. Aqueles eram os tempos em que muitos reinos estavam se formando, e o Norte começava a fazer parte do mapa.

Reza a lenda que, em certa manhã de maio, há mais de mil anos, um velho vinha andando lentamente pela floresta, ao longo de um caminho estreito que serpenteava entre passagens por meio das montanhas, deixando para trás os picos nevados do interior da Noruega. Naquele trecho, as árvores eram mais esguias, enquanto o mato rasteiro e as flores silvestres encobriam a encosta de ambos os lados da trilha. Então, no ponto onde o caminho descia abruptamente até as margens de HERNERSFIORD, o viajante parou. Por um momento, ficou ali quieto sorvendo na pele o sol da manhã, contemplando a paisagem que se

estendia aos seus pés. De vez em quando, falava em voz alta, absorto em seus pensamentos, arrebatado como um visionário.

Embora suas vestes fossem velhas e manchadas pelo tempo, desprovidas de qualquer ornamento, sua fisionomia e sua postura eram notáveis; a memória as guardaria para sempre. Era um sujeito alto, com uma constituição formidável. Sua idade e a espessa barba branca lhe emprestavam um ar majestoso, mas seus olhos de um azul pálido eram quase indecifráveis, singularmente frios em repouso e muito vivos, brilhantes e atentos quando seu rosto se mostrava animado.

Naquela manhã, havia muito para ocupá-lo. Na encosta que subia de Hørnersfiord erguia-se o palácio real de Håkonstad, morada do rei de Sogn. Por toda parte naqueles recintos, até lá embaixo à beira d'água, era um contínuo vai e vem de pessoas. Do planalto, no topo do fiorde, os soldados desciam em formação até os navios ancorados ao longo do extenso píer de pedra. O sol da manhã se refletia nos capacetes e nas cotas de malha e, no ar ainda parado, o ruído metálico dos preparativos ecoava por toda a extensão do terreno até o alto, na região coberta pelo eucalipto. O andarilho conseguia ver alguns que descarregavam armas e provisões em terra firme, enquanto outros se ocupavam em abastecer os navios. Havia mulheres na multidão, e aqui e ali um manto colorido e um elmo dourado indicavam um líder de tropa.

– Sim, chegou a época de os vikings irem para o mar de novo – ele pensou em voz alta. – Corajosos e alegres são os guerreiros de Sogn, quando partem tão leves. Quando se é jovem, todos os caminhos são agradáveis e todos levam de volta para casa. Muitos eu vi partirem daqui nos últimos sessenta anos e com suas velas irem embora... e para onde?

Mais uma vez, crescia a agitação entre os homens, e o viajante podia vê-los começando a formar filas para embarcar nos longos barcos.

“Essa viagem será como flocos de neve caindo no mar, mas quem pode escapar ao seu destino?”, pensou.

Enquanto isso, um grupo de homens tinha acabado de emergir da

mata, vindo na direção da trilha do fiorde. Eram uns dez ou doze, comandados por um sujeito de barba negra, visivelmente muito musculoso. Vestido com um casacão de couro todo coberto por escamas de metal, levava nos ombros uma alabarda de porte considerável.

Naquele ponto, o caminho ficava muito estreito. O homem da barba negra exclamou de má vontade:

– Saia da frente, velho! Deixe-nos passar.

Subitamente desperto de sua fantasia, o andarilho se virou em silêncio, mas não fez nenhum movimento para o lado. Agora, o grupo estava tão próximo que os homens se viram forçados a parar, em meio a ruídos de metal batendo em metal. O capitão bradou mais uma vez:

– Você é surdo? Saia da frente!

No entanto, havia algo de intimidador nos olhos pálidos daquele ancião e, embora o viking trocasse de lugar com movimentos inquietos o apoio da alabarda nos ombros, seu olhar mudou. Com discreta entonação de desdém, o viajante então perguntou:

– Quem quer que eu dê passagem?

O barba-negra olhou para ele com algum espanto e foi breve em sua resposta:

– Chamam-me de Ketill. Que diferença isso faz para você?

Sem dar atenção aos maus modos do sujeito, o velho indagou:

– O rei Hakon embarca hoje de Hernalsfjord?

– O rei Hakon já não viaja faz tempo. É seu filho quem lidera os homens.

– Sim, tinha me esquecido. Somos os dois velhos, agora. Então Estein parte hoje?

– Sim, e eu vou com ele. Meu barco me espera; por isso, saia da frente, velho – Ketill respondeu.

– Vão para onde?

– Para os mares ocidentais, mas não tenho mais tempo para conversas, ouviu?

– Vá, então – respondeu o velho, dando um passo para o lado. – Algo me diz que Estein irá precisar de todos os seus homens antes que esta viagem acabe.

Sem se deter para trocar mais palavras, o capitão de barba negra e seus homens retomaram a marcha e seguiram rumo ao fiorde, enquanto o velho os seguia vagarosamente.

Enquanto descia a encosta do morro, ele tornou a falar consigo mesmo em voz alta...

– Sim, esse então é o significado dos avisos nos meus sonhos: perigo nas terras ao sul, perigo nos mares. Pouco valor Estein Hakonson dará aos conselhos de um velho, mas sinto desejo de ver o jovem de novo e aquilo que os deuses me revelaram devo contar.

Lá embaixo, perto do fim da trilha que ia do píer até o palácio de Hakonstad, o grupo de chefes ali reunido conversava. Entre eles, estava Hakon, rei de Sogn, um dos governantes independentes que reinavam na então caótica Noruega, acompanhando a partida de seu filho.

Hakon era uma figura venerável. Chamava atenção com seu longo cabelo encaracolado todo branco, o manto azul bordado, alto e desempenado como uma lança, mas já idoso demais para entrar em combate. Sua mão pousava no ombro do conde Sigvald de Askland, antigo guerreiro brusco e valente, conselheiro do rei e seu mais fiel companheiro de batalha. Diante deles estava Estein, um jovem de olhos claros e cabelos arruivados, num traje vistoso como era o costume da época – saíote vermelho e manto – e portando como únicas armas um elmo dourado, encimado por um par de asas de falcão, e uma espada embainhada no flanco. Seu rosto, belo em seus traços regulares, poderia parecer excessivamente grave e reservado, não fosse pelo olhar afiado e um sorriso simpático que lhe iluminava a fisionomia quando falava.

Depois de conversarem por algum tempo, ele relanceou os olhos à sua volta e reparou que a movimentação dos homens tinha diminuído e que quase todos já tinham embarcado. Disse então:

– Está tudo pronto.

– Sim – concordou Thorkel Sigurdson, um dos capitães da frota. – Só estão esperando por nós.

– Então, adeus, Estein! – despediu-se o conde. – Que Thor o acompanhe e lhe mande inimigos de valor!

– Meu filho, não posso poupá-lo dos males – disse o rei –, mas é dever do filho do rei correr mundo e provar seu valor em terras distantes. Combater nas águas do Báltico é só um passatempo para o viking comum. A Inglaterra e a França, os países dos homens pretos e as planícies alagadas dos rios estão à espera. É lá que Estein Hakonson deve alimentar os lobos.

Envolvendo o filho num abraço, o rei prosseguiu:

– Mesmo assim, Estein, como queria que fosse Yule de novo e que você estivesse aqui. Estou ficando velho e meus sonhos da noite passada foram repletos de pesares.

– Até mais ver, filho de Hakon! – bradou um dos chefes. – Quisera eu também singrar os mares até as terras do Sul. Não se guarde para nada, Estein. Fogo e espada na Inglaterra, fogo e espada na França!

O grupo se dispersou, e Estein estava a ponto de entrar no navio quando ouviu alguém chamá-lo pelo nome. Olhou à sua volta e viu o mesmo velho que tinha abordado Ketill, a caminho do píer.

– Salve, Estein Hakonson! – o velho disse em voz bem alta. – Vim de longe para vê-lo.

– Salve, velho! – Estein respondeu com cortesia. – O que o traz aqui?

– Não me reconhece? – perguntou o andarilho, olhando com intensidade para o jovem.

– Não, não consigo me lembrar do seu rosto.

– Meu nome é Atli e, se meus traços lhe parecem estranhos, mais estranho ainda deve ser meu nome.

Ele tomou nas suas a mão de Estein, olhou-o atentamente nos olhos por um instante e então lhe disse solenemente:

– Estein Hakonson, esta viagem terá um fim diverso daquele que espera. Dificuldades eu vejo à sua frente... peixes comendo guerreiros e ventos que sopram como querem, não como você desejaria.

– Tudo isso é bem provável – Estein respondeu. – Não estamos fazendo uma viagem de comércio e nos mares de Oeste os ventos costumam ser fortes. Mas qual será minha sina?

– Sina estranha é o que vejo à sua frente, Estein. Você será avisado, mas não dará atenção. Haverá mais por fazer do que for feito. Por uma mudança você passará que não consigo compreender. Muitos que partem não retornam, mas seu destino para mim é obscuro.

Um rapaz de 20 e poucos anos, de aspecto marcial em seus trajes vistosos, tinha se aproximado dos dois enquanto conversavam. Seu rosto belo traía despreocupação e entusiasmo e, em sua atitude, denotava saber que era especialmente atraente.

– E qual é o meu destino velho? – ele perguntou, mais como zombaria do que para saber de verdade. – Servirei de alimento aos peixes ou passo por uma estranha transformação como Estein e me torno um troll, um lobisomem ou alguma outra coisa?

– O seu destino não me importa nada, Helgi Sigvaldson – retrucou o vidente. – Mas acho que você nunca ficará longe de Estein.

– Essa resposta foi fácil – Helgi disse, dando uma risada. – E eu posso ver o meu futuro mais longe ainda. Quando me afastar de Estein, meu irmão de coração, então alguém vai para Valhalla. O que me diz disso?

Uma sombra cobriu o rosto de Atli.

– Você se atreve a fazer pouco de mim? – ele exclamou.

– Nada disso – interveio Estein. – Sem irmão na cobertura, o homem corre risco. Helgi quis dizer que só a morte pode nos afastar um do outro, Atli! Se sua profecia se realizar e eu voltar vivo, você pode escolher o presente que quiser dos despojos que eu trazer.

– Poucos espólios você trará, Estein! – respondeu o velho, quando os irmãos se afastaram dele para cruzar o píer até o barco.

Embarcado o último homem, os remos afundaram na água. A multidão que se reunira à margem se dispersava aos poucos enquanto a frota atravessava lentamente as águas geladas do fiorde.

Já em alto-mar, mais além do planalto que se desenhava no horizonte e guardava Hernalsfjord, uma brisa fresca soprava regularmente de noroeste. Mais além das ilhotas rochosas perfiladas ao longo da costa, picos nevados cintilavam ao sol. Conforme os barcos gradualmente se distanciavam do fiorde, o rumor do mar aberto quebrando nos arrecifes se tornava cada vez mais próximo e forte. As velas foram enfunadas e os remos postos a descansar. Devagar no início, depois cada vez mais rápidas, as lonas acolhiam os ventos marinhos, e os cascos longos e esguios dos barcos cortavam as águas sem esforço. Ultrapassadas as ilhas, aproveitando toda a força dos ventos de alto-mar e admirando a esteira de espuma que se desenhava na superfície do mar, os homens assistiam à paisagem das montanhas da Noruega se dissolver lentamente nas águas selvagens do mar aberto.

Em pé na plataforma da popa do seu barco, cruzando um oceano que lhe era desconhecido, rumo a países sobre cuja localização só tinha informações vagas, Estein Hakonson deixava-se vagar entre fantasias que o incendiavam. Era o único filho sobrevivente do rei de Sogn. Três irmãos tinham perdido a vida em batalhas, um havia perecido no mar e outro ainda, o mais velho, tinha morrido num incêndio que destruíra o telhado da casa em que dormia.

Sua educação fora realizada segundo o único padrão em vigor na Escandinávia. Aos 14 anos, tinha abatido o primeiro homem numa luta justa; aos 17, era um capitão viking no Báltico. Agora, com 22 anos, era muito mais maduro do que a idade prometia em razão de tantas e tão variadas experiências e estava seguindo o caminho dos vikings em busca dos fabulosos países do Sul.

O maremoto das investidas dos noruegueses ainda não tinha chegado ao seu ponto máximo, e o terror e a fúria estavam se propagando

rapidamente. A febre do desassossego estava se alastrando cada vez mais pelo Norte. Toda vez, os homens regressavam com histórias de mosteiros repletos de tesouros incalculáveis e de províncias ricas que podiam ser conquistadas na espada. Os bardos cantavam as proezas realizadas no Sul, e os barcos lotados de espólios de guerra confirmavam as narrativas. Não admira, portanto, que, ao lado da cana do leme, Estein sentisse no peito o coração batendo forte.

Naquela noite, bem depois de o sol ter se posto, ele continuava sentado no deque a contemplar as estrelas. Passo a passo, seu irmão adotivo se aproximou. Envolvido num amplo manto impermeável, Helgi vinha cantarolando baixinho.

– Está uma bela noite, Estein. Se Thor quiser e o vento nos levar, logo chegaremos à Inglaterra.

– Sim, se os deuses estiverem do nosso lado – respondeu Estein. – Estou tentando ler as estrelas... me parecem desfavoráveis.

Helgi riu. – E o que você sabe de estrelas? O que Estein Hakonson quer com a magia branca? Vai fazer sua vida durar mais um dia? A minha também se eu conseguir ler as estrelas?

– Nenhum dia a mais, Helgi, nenhum instante a mais. Estamos nas mãos dos deuses. Isso só serve para passar uma longa noite.

– Os nórdicos não deveriam ler as estrelas – Helgi disse. – Essa coisa serve para os finlandeses, os lapões e os coitados que têm medo de nós.

– Queria eu saber o que Odin pensa de Helgi Sigvaldson – Estein observou com um sorriso.

Helgi riu um pouco antes de responder:

– Eu sei o que Odin pensa de você, Estein... um bobo e um esquisitão.

Estein avançou um passo e se debruçou sobre a amurada para fixar os olhos na escuridão das águas. Helgi também guardou silêncio, porém os seus olhos azuis continuavam inquietos e seu coração batia com força. Por um tempo, seus pensamentos voaram mais depressa do que o barco vencendo o mar rumo ao clangor das armas e os gritos de vitória.

– Sobrei apenas eu – Estein disse, finalmente. – O rei Hakon não tem mais filhos.

– E você tem cinco irmãos para vingar. Sua espada não ficará enferrujada por muito tempo na bainha, Estein.

– Por duas vezes fiz os dinamarqueses pagarem caro por Eric. Não posso castigar Thor porque ele fez Harald se afogar, mas se for do meu destino encontrar Thord, o Alto, Snaekol Gunnarson ou Thorfin de Skapstead, só vai sobrar um homem em pé para contar a história do nosso encontro.

– Os que atearam fogo à casa de Olaf fugiram da Noruega há muito tempo, não é?

– Eu era bem pequeno quando meu irmão foi queimado como uma raposa na toca, em Laxafiord. Os incendiários conheciam meu pai muito bem para continuarem em casa e dar-lhe boas-vindas. Desde então, ninguém mais falou deles, exceto que Thord, o Alto, certa vez atacou diversos lugares na Inglaterra e se gabou dos muitos incêndios que ateou. Talvez tenha esquecido que Hakon tinha outros filhos.

– Agora, Helgi, devemos ir dormir enquanto podemos; noites virão em que quereríamos poder dormir.

Durante seis dias e seis noites seguiram adiante, vencendo com ventos favoráveis as ondas de um mar vazio. No sétimo dia, avistaram terra a estibordo.

– Seria a Inglaterra? – indagou o velho Ulf, do castelo da proa, um viking peludo e fortíssimo, natural dos fiordes do norte.

– Mais provável ser a costa da Escócia – respondeu Helgi. – Vamos tentar a sorte, Estein?

– Gostaria de derramar um pouco de sangue escocês – respondeu Estein –, mas é melhor continuar até a Inglaterra enquanto temos bom vento.

– Não estou gostando da cara do céu – resmungou Ulf, olhando em volta com a testa franzida.

O vento vinha diminuindo nas últimas horas. No horizonte a leste, o céu calmo abria espaço para nuvens pesadas. Estein hesitou um pouco, mas previsão se fazia cada vez mais ameaçadora, com o vento soprando em rajadas esparsas, vindas de quadrantes variados. Diante disso, os vikings mudaram de curso aproveitando as velas enfunadas, enquanto os remos cortavam a água em busca de um abrigo mais perto de terra.

Quando se aproximaram, viram que aquelas margens ofereciam pouca guarida: uma linha inóspita de precipícios se estendia de norte a sul até onde a vista conseguia alcançar. Mesmo de longe ainda, os vikings conseguiam enxergar lampejos brancos rebentando na base dos penhascos. Mais uma vez mudaram o rumo dos barcos. Então, sob o ruído surdo de um aguaceiro que havia se formado, despencou sobre a frota uma tempestade de sudeste e não havia nada a fazer além de dar meia-volta e fugir da ventania.

– Interpretei as estrelas bem demais – Estein disse baixinho entredentes, agarrado à cana do leme, enquanto observava as ondas cada vez mais altas. – E a primeira parte da profecia de Atli já se cumpriu.

– Ventos, guerras e mulheres são o destino do viking – Helgi retrucou –, mas esta é só a primeira parte do aviso.

A ventania aumentou durante a noite, e a frota se dispersou pelo Mar do Norte. Na manhã do dia seguinte, somente mais duas embarcações de casco negro e longo eram visíveis do convés de Estein, tentando se safar da tempestade. Passou-se mais um dia atribulado e apenas no fim do entardecer o tempo amainou. Pouco a pouco, os mares começaram a se acalmar e cessaram as chuvas de rajadas cortantes. Os clarões que rasgavam o céu deixavam entrever raras estrelas e já bem perto da aurora não havia mais vento algum.



ASSASSINOS DE BEBÊS

Aproveitando a primeira claridade do dia, os homens se esforçavam para enxergar alguma referência que lhes pudesse indicar onde estavam. Nenhum dos companheiros a bordo do barco de Estein tinha viajado por ali mais de duas ou três vezes no máximo. Eram capazes apenas das conjecturas mais vagas, mas, com o dia que enfim nascia, Ulf deu aviso de terra à vista.

– Terra à direita! – Helgi confirmou, no instante seguinte.

– Terra à esquerda! – Estein exclamou. – Acho que estamos perto.

O dia já tinha nascido de todo quando finalmente se viram adentrando um canal de embocadura larga que contornava ilhas baixas, aparentemente desertas. Somente nos trechos de terra mais distantes à direita é que havia colinas cobertas de urzes, altas o suficiente para serem avistadas. Até onde podiam discernir, a região tinha a aparência de ser desabitada. Uma ondulação muito grande subia das águas do mar aberto e ganhava a cobertura de um teto de nuvens cinzentas.

Ulf declarou:

– Não gosto deste lugar. O que você acha que é?

– A julgar pelo que os homens disseram, são as ilhas Hjaltland – sugeriu Estein.

– Mais provável que sejam as ilhas Orkneys – corrigiu Thorolf, que já tinha navegado por aquelas bandas.

Ainda distante, outra embarcação vinha na direção deles.

– Que barco é aquele, Ulf? – Estein indagou. – Um dos nossos, talvez?

– Sim, é Thorkel Sigurdson – respondeu o desganhado timoneiro depois de apertar os olhos e franzir a testa por algum tempo.

– Pelo martelo de Thor, parece que vem com pressa – Helgi emendou.

– Devem ter topado com a tempestade da noite passada.

– Pode ser que Thorkel esteja com frio – Thorolf sugeriu, dando risada.

– Tiraram os escudos do casco – Estein exclamou quando o barco já estava mais próximo. – Você acha que pode haver um inimigo?

De novo, na face de Ulf os pelos se uniram numa expressão fechada:

– Ninguém pode dizer que tenho medo de um inimigo, mas não tenho disposição para lutar depois de duas noites sem dormir.

– Que nada! Thorkel está bêbado como de costume e acha que somos mercadores – Helgi disse. – Sem dúvida, estão se preparando para nos abordar.

O barco chegou tão perto que puderam ver nitidamente quem estava a bordo. A figura de estatura elevada que era Thorkel despontou na proa.

– Está acenando para nós. Tem coisa por trás disso – Estein alertou.

Helgi resmungou:

– Está bêbado. Aposto a minha espada de cabo de ouro como ele está bêbado. Levam cerveja suficiente a bordo para fazer o barco flutuar.

– Uma vela! – Estein exclamou, apontando para um promontório que avançava mar adentro. De trás dele acabavam de sair o casco negro baixo e a vela colorida de um barco de guerra.

– Sim! E outro aí! – Ulf confirmou.

– Três, quatro, sete, oito! – Helgi gritou.

Estein acrescentou:

– Nove e dez! Quantos mais?

Observavam em silêncio a frota desconhecida conforme um a um os

barcos viravam para vir atrás do de Estein. Eram dez no total, e os remos batendo ritmicamente na água traziam cada vez mais perto as estranhas carrancas de monstros nas proas daquela frota.

– Vikings orkney – Ulf resmungou. – Se é que consigo reconhecer um barco, aqueles são vikings orkney.

Nesse meio-tempo, o de Thorkel tinha se aproximado, ladeava Estein, e seu capitão acenava.

– Temos pouco tempo para conversar agora – ele gritou. – O que você acha que devemos fazer? Correr para as ilhas ou ir até Odin de onde estamos? Acho que aqueles homens vão ter pouca misericórdia de nós.

– Não espero misericórdia de ninguém – Estein respondeu. – Ficaremos onde estamos. Não poderíamos escapar deles se tentássemos, e eu não tentaria, se pudesse. Você viu algum dos nossos outros barcos?

– Nos afastamos de Ketill ontem e acho que ele virou alimento dos peixes. Não sei de Asgrim, nem dos outros. Concordo com você, Estein: o fundo aqui vai ser uma cama tão macia para o descanso eterno quanto o de qualquer outro lugar. Enchem os copos e sirvam os homens! Não é bom que o sujeito morra com sede!

O corajoso marujo se voltou com um brilho agourento nos olhos, na expectativa de aproveitar o que pensava que seria a última bebida em vida. Nos dois barcos, todos vestiram suas couraças e se prepararam para o combate iminente.

Naqueles tempos, os vikings atacavam uns aos outros tanto quanto combatiam os de sangue diferente. Iam para a luta e em geral tinham combates melhores contra tropas de guerreiros duros e experientes do que contra os povos menos aguerridos do Sul. As ilhas Orkney e Shetland eram as principais estações para os grupos mais independentes de todos, homens hostis, tão dispostos a lutar e tão avessos a qualquer lei ou princípio que o filho do rei da Noruega iria lhes parecer a presa mais desejável de todas. Muitos despojos arduamente conquistados mudavam de mãos durante a viagem de volta para casa, e o litoral da própria

Noruega era em tal medida pontilhado por essas ilhas vikings que, algum tempo depois, o rei Harald Harfagri atacou-as e as deixou arrasadas em nome do que provavelmente considerava uma sociedade.

Os dois barcos navegaram perto um do outro; os remos foram recolhidos e, sob a prosaica luminosidade cinzenta da manhã, rumaram sem tropeços na direção das marés do Mar do Norte onde aguardaram a chegada das dez embarcações. Algumas aves marinhas circulavam acima dos tombadilhos e grasnavam alto; uma tênue coluna de fumaça subia de uma casa em uma parte distante da orla. Não havia outros sinais de vida, exceto nos barcos que seguiam mar adentro.

Recostado na amurada do seu barco, Thorkel contava a história de invasões de dia e de noite, como as que Estein e seus homens tinham realizado. Naquele dia de manhã, disse, tinham divisado o barco de Estein assim que o dia raiou e, quase que imediatamente depois, dez longas embarcações foram vistas ancoradas na baía de uma ilhota. Por algum tempo, esperaram conseguir seguir em frente sem serem vistos, mas o destino não tinha ajudado. Foram observados, e os vikings desconhecidos se puseram logo em perseguição, como um enxame de abelhas inadvertidamente atizado.

Deu a impressão de que aqueles desconhecidos se mostravam pouco preparados para um combate, pois perdiam velocidade conforme avançavam. Os homens de Estein puderam ver que havia afobação nos preparativos que faziam.

– O que você acha? Amigos ou inimigos? – Helgi perguntou.

– Para os vikings orkneys, todos são inimigos – Estein respondeu.

– Sim – Thorkel concordou, rindo. – Principalmente, quando são dois para dez.

Nessa altura, os estranhos já estavam ao alcance da voz e, no barco que liderava a frota, um homem de manto vermelho veio da popa e se posicionou diante dos outros, na proa. Com voz forte, ordenou que os homens parassem de remar e então, levando as mãos à boca para formar

um cone, perguntou num tom levemente sarcástico qual era o nome do capitão.

– Sou Estein, filho de Hakon, rei de Sogn. E quem são vocês, que querem saber meu nome? – voltou a resposta através da água.

– Sou Liot, filho de Skuli – disse o homem do manto vermelho. – Estão comigo Osmund Nariz de Gancho, filho de Hallward. Aqui temos dez navios de guerra, como podem ver. Entregue-se a nós, Estein Hakonson, ou tomaremos à força o que não quiser nos dar.

O homem apoiou a mão no quadril, virou-se para a tripulação e disse algumas palavras que vieram acompanhadas de gestos com uma lança. Os homens reagiram com um grito bem alto e então entoaram uma canção repetitiva cuja letra era um refrão descrevendo o destino que sempre aguardava aqueles que se arriscavam a enfrentar Liot Skulison. Ao mesmo tempo, os remos passaram a agitar novamente as águas e aquele barco foi se emparelhar com os outros.

Dando uma risada curta, Helgi comentou:

– Logo se vê que nosso amigo Liot é um sujeito valente. Ele e os mal-encarados da sua tripulação fizeram um tremendo barulho. Alguém aqui já tinha ouvido falar de Liot Skulison ou de Osmund Nariz de Gancho?

– Sim – Ulf respondeu. – São chamados de assassinos de bebês porque não têm dó nem de crianças.

– Hoje, vão conhecer gente que não é mais criança – Helgi disse.

Estein e Thorkel tinham se ocupado em amarrar os dois barcos um no outro, usando pequenas âncoras. Assim que pôde, Estein se virou para seus homens e disse:

– Temos todos um mesmo pensamento, certo? Lutamos até onde pudermos, e daí em diante Odin faz de nós o que quiser.

Sem esperar pelos gritos de aprovação que se seguiram a essas palavras, saltou para a proa e, elevando a voz, exclamou:

– Estamos prontos para vocês, Liot e Osmund. Quando subirem a bordo, podem pegar o que encontrarem.

De outro barco, um homem gritou:

– Então, você vai lutar, pequeno Estein? Lembre-se de que nos chamam de assassinos de bebês.

No mesmo instante, Thorkel aceitou o desafio. Três copos de cerveja o deixavam no mais feliz e melhor estado de espírito para guerrear, e seus olhos quase brilhavam de alegria quando respondeu:

– Eu conheço você Osmund, o Feio. É no seu nariz que os homens dizem que pendura as crianças que pega. Você nem precisa fazer mais nada, basta olhar para elas. Toma este presentinho – e atirou uma lança sem mirar, mas, se Osmund não tivesse se abaixado rápido como um raio, sua participação no combate teria terminado ali mesmo. Cumprindo sua trajetória, o míssil atingiu outro homem no meio dos ombros. O sujeito despencou no chão do deque.

– Avançar! Avançar! – berrou Liot. – Avançar, vikings! Avançar, homens de Liot e Osmund!

Os remos bateram na água fazendo uma camada de espuma. O coro grotesco cresceu e se transformou num rugido terrível, selvagem, e os dez navios de guerra atacaram os outros dois. Foi alto o estrondo do choque das proas, ensurdecador o dos metais e das ferragens. Começava um combate desigual.

Por mais terríveis que pudessem se mostrar no longo prazo, nos embates no mar as chances eram um pouco melhores. Até que a parede de homens que defendiam a amurada se tornasse mais rala, os dois lados se mostravam praticamente iguais e, no começo, os vikings orkneys talvez não fossem mais do que espectadores.

Aos poucos, conforme o número de guerreiros diminuía, outros foram brotando dos demais barcos e vinham com muita energia para atacar os já cansados defensores, suas espadas afiadas contra as já quase sem fio depois de tantos golpes.

Liot posicionou seu barco ao lado do de Estein, enquanto Osmund atacou o de Thorkel. Os outros forçavam a proa para frente onde quer

que se abrisse uma brecha. Os noruegueses defendiam sua amurada escudo contra escudo e combatiam com a coragem do desespero. Com a ajuda dos mais destemidos de seus homens, por duas vezes Liot tentou investir de frente para subir a bordo, sendo repelido nas duas tentativas. Avançou uma terceira vez e, escolhendo um ponto onde parecia haver um grupo menor de defensores, abateu uns dois homens com golpes de machado, rodando a arma no ar, e de um salto ganhou o tombadilho. Mais três ou quatro do seu grupo tinham-no seguido, e os vikings orkneys soltaram um verdadeiro rugido de vitória. Por um instante, a impressão foi de que o destino da batalha estava selado, mas uma pedra enorme veio cruzando o ar e caiu em cima do escudo de Liot. Quando o escudo derrubou seu capacete, Liot ficou de joelhos. Uma perfeição de Ulf, capitão da cana do leme. Bufando como um touro, o velho viking seguia a pedra com passos pesados. Estein saltou da popa em cima dos ombros de um homem. Mais um foi ao chão pela espada de Ulf. Atordado, Liot foi arrastado por um de seus homens de volta ao próprio barco. Por ora, a situação estava sob controle.

– Atrás deles! Atrás deles, Ulf! – ordenou Estein aos berros, enquanto vinte noruegueses destemidos seguiam seu líder no encalço do grupo de assalto de Liot em retirada. Os inimigos abriam caminho à direita e à esquerda; os passadiços laterais ficaram livres e, apesar das ameaças de Liot, seus homens começaram a fugir do castelo da proa e do tombadilho para chegar aos navios que estavam atrás.

– Adiante, homens do rei! Adiante, homens de Estein! – trovejou Ulf.

– Espere por mim, Liot! – Estein bradou, investindo contra a popa seu escudo vermelho. – Tem um bebê seguindo você!

Helgi, o tempo todo ao lado dele, agarrou-o pelo braço.

– Nossos homens estão se rendendo no barco de Thorkel. Osmund está a bordo. Se não voltarmos, o navio vai ser tomado.

Com um gesto de desespero, Estein se virou para comandar:

– Voltar, homens, voltar! Parece que Thorkel precisa de todos os

amigos – ele gritou. Para Helgi, completou: – Está tudo perdido. Só nos resta vender a vida bem caro agora.

Já era tarde demais quando chegaram. Nessa altura, os homens de Thorkel subiam aos tropeções a bordo do barco de Estein, com Osmund, o Nariz de Gancho no encalço. O próprio Thorkel se agigantava na amurada encarando os inimigos com uma grande lança se projetando às costas.

Agora era só uma questão de tempo. Contando com um navio apenas, cercado por todos os lados, seus homens exaustos pela tempestade e pelo combate, havia um único destino em vista para o reduzido grupo de Estein. Apesar de tudo, defendiam seus postos com tanta determinação e tanto entusiasmo quanto se a luta tivesse acabado de começar. Confirmando que todo esforço para subir a bordo dessa embarcação seria inútil, por algum tempo, os vikings orkneys se limitaram a lançar uma chuva contínua de dardos e pedras. Um a um os defensores foram perdendo a vida e, por fim, quando a linha de escudos revelou brechas maiores, Liot e Osmund, cada um de um lado, invadiram juntos o barco de Estein.

– Volte para a popa, Helgi! – Estein gritou. – Para a popa, homens! Não vamos segurar o passadiço. Um só homem cansado não dá conta de cinco descansados.

Por último, na fila dos homens, ele desceu do passadiço que rodeava a parte média e aberta do barco para chegar à cobertura da popa, seu escudo vermelho pontilhado de dardos como uma almofada cheia de alfinetes.

No castelo da proa, o velho Ulf ainda se aguentava com a ajuda de uma meia dúzia de sobreviventes duros na queda, de todos que tinham ido para o combate com ele no início daquela manhã.

– Finalmente, chegou a minha hora, Thorolf – ele afirmou para um sujeito enorme, natural das terras altas, que parecia estar desemaranhando alguma coisa de sua armadura metálica. – Nesta noite,

terei uma história de bons combates para contar para Odin. Antes de cair, porém, ainda vou derrubar mais um ou dois desses vikings. Você vem comigo, Thorolf? Ao passadiço e depois até Valhalla?

Com um puxão violento, o gigante arrancou uma lança enterrada no flanco. Seu sangue esguichou em Ulf quando deu um passo adiante para se firmar melhor.

– Vou na frente – ele decidiu, e então despencou no chão com estardalhaço.

– Morre aqui um bravo! Camaradas, vamos com ele até Odin!

Junto com o capitão do castelo de proa, saltou para o passadiço. Com golpes impetuosos do machado rodando no ar para depois atingir os inimigos na cintura, foi derrubando-os a torto e a direito, tentando acertar um golpe tremendo em Osmund Nariz de Gancho. Rápido como um raio, Osmund ergueu o escudo e avançou para o inimigo, espada em punho. A ponta de sua espada atravessou-lhe o peito e saiu pelas costas, entre os ombros. No mesmo instante, o machado veio ao chão. A borda do escudo foi cortada como se fosse papel e uma lâmina entrou direto na nuca de Nariz de Gancho. Os dois bravos rolaram juntos pelo passadiço.

Na popa, o embate final seguia com fúria. Por mais que estivessem feridos e exaustos, os últimos homens de Estein lutavam com muita coragem contra seus inimigos. Em volta do escudo vermelho de seu comandante, venderam caro a própria vida.

Seguiram-se alguns minutos de trégua na luta e os homens conseguiram respirar um pouco.

Com amargura, Estein previu:

- O próximo ataque será o último.
- Os navios deles estão se afastando! – alguém alertou.
- Nós é que estamos indo embora – disse outro.

Helgi gritou:

- Olhem para frente! Ainda podemos enganá-los!

Os homens olharam à sua volta com espanto; uma coisa muito

estranha havia acontecido. Tinham sido levados por uma das temíveis marés cheias das ilhas Orkney e, durante todo o tempo em que combatiam, foram arrastados com crescente velocidade mais além de ilhas, outeiros e arrecifes. O cenário tinha mudado completamente. Agora, encontravam-se num canal bem mais estreito, balançando como aves marinhas, impotentes contra a maré. Encostas cobertas de urzes estavam ao alcance da mão e bem à frente a espuma das ondas ao escorrer pelos paredões deixava entrever as pontas negras das rochas submersas.

Os outros barcos tinham sido desviados pelo redemoinho das correntes e agora se espalhavam rapidamente por uma área extensa, todos tentando escapar dos bancos de coral. Somente os quatro barcos enganchados – de Estein, Thorkel, Liot e Osmund – seguiam sem resistência como um bloco só, rumo aos rochedos.

Liot enxergou o perigo e ergueu a voz para alertar:

– Que nenhum dos meus homens mexa um remo até que Estein Hakonson caia morto naquele deque. Ainda temos tempo para acabar com eles. Avançar, homens de Liot!

Numa corrida selvagem e enfurecida, os homens avançaram para a popa. Um após outro caíam os defensores esgotados pela batalha. Liot e Estein se viram cara a cara, espada contra espada. O escudo vermelho foi rasgado de cima a baixo por um golpe da lâmina do assassino de bebês e, no mesmo instante, a espada de Estein desceu do alto com toda a força, mas foi detida pela machadinha de guerra do viking, neutralizando-a.

– Estein! Agora, você é meu! – bradou seu inimigo, que acabou engolindo as próprias palavras quando Estein se atirou contra ele, na altura da cintura, adaga em punho, e o derrubou de comprido no deque. Quando caíram, os barcos colidiram com estrondo e os dois foram lançados sobre as tábuas do piso, ensopadas de sangue. Dois barcos logo atolaram e outros dois se soltaram, avançando sobre a primeira barreira de corais, estabilizando-se na altura da proa.

Em desabalada correria, os homens se atiravam das amuradas e criavam amplos leques de água, enquanto saíam correndo para fugir do mar. Tanto do atacante como do atacado, os barcos desertos e fadados a naufragar afundaram naquelas ondas turbulentas. Atordoados, Estein tinha sido arrastado para longe da cintura de seu inimigo, sobre o qual tinha caído de cabeça.

Uma mão amiga começava a puxá-lo para o lado, e ele ouviu a voz de Helgi, que o chamava:

– Você consegue nadar?

Depois, teve a lembrança confusa de ser arrastado por uma correnteza terrível, agarrado o tempo todo a algo que mais tarde descobriu ser uma tábua salvadora. Então, perdeu os sentidos.



A ILHA SAGRADA

Quando recuperou a consciência, Estein percebeu como lhe doíam a cabeça e o corpo, todo coberto de ferimentos. Depois sentiu como estava encharcado e gelado até os ossos. E foi quando descobriu que não estava sozinho. Sua cabeça repousava em algo macio e duas mãos lhe cobriam as têmporas.

– Helgi... – disse.

Uma voz que não era a de Helgi respondeu:

– Graças aos santos ele está vivo!

Estein abriu os olhos e viu um par de olhos intensamente azuis que o fitavam de volta. A linda jovem de mãos macias era quem o observava de muito perto. Devia ter uns 17 anos e era no seu colo que estivera deitado.

Estavam sentados numa plataforma de pedra que sobressaía à beira d'água. Aos seus pés, Estein sentia a tábua salvadora bater suavemente, ao sabor das ondas que iam e vinham.

Ele a olhava em tal silêncio e com tanta intensidade que os olhos azuis baixaram e um suave rubor coloriu as faces da moça.

– Você está ferido? – ela perguntou. Falava em um idioma norueguês, mas com um agradável sotaque estrangeiro. Era tão bela e delicada que a

ideia de ninfas e sereias passou pela cabeça daquele viking.

– Ferido? Bom, devo estar – ele respondeu. – Mas acho que mais machucado do que furado. Se eu conseguir ficar em pé... – ele se levantou. Escorregando nas algas, entrou silenciosamente na água.

A moça gritou. Mas, quando voltou nas mesmas condições, só mais molhado ainda, uma irresistível onda de riso a dominou. Esquecido de como lhe doía a cabeça, ele riu com ela.

– Perdoe-me – ela disse. – Não pude deixar de rir, apesar de certamente você não estar com disposição para dar uma risada. Eu pensei que você tivesse se afogado.

– Acho que por sua causa isso não me aconteceu. Você me achou na água?

– Um pouco dentro, um pouco fora. Tive que puxar bastante até tirar você todo.

Num impulso, Estein tirou do dedo um grande anel de ouro e, fiel ao costume daqueles tempos de presentear, estendeu-o para quem lhe havia salvado a vida.

– Não sei o seu nome, bela jovem – ele disse –, mas uma coisa eu sei: você me salvou a vida. Aceita este presente viking que lhe ofereço? É tudo que o mar me deixou.

– Não... guarde os presentes para quem os merece. Não teria sido cristão da minha parte deixar que você se afogasse.

– Você usou uma palavra que desconheço. Mas pensei que poderia aceitar este anel.

– Não, não! – ela exclamou, decidida. – Teremos tempo suficiente para falar de presentes quando eu tiver merecido – Então, acrescentou com uma ponta de orgulho: – Não que eu queira merecer presentes. Mas você está ensopado e ferido. Venha comigo até onde possa lhe oferecer um abrigo, apesar de pobre.

– Qualquer abrigo vai ser bom. Mas, se eu for, mesmo assim gostaria de saber o que foi feito dos meus companheiros.

Buscou atentamente avistar qualquer sinal de homens no canal, mas por toda a sua extensão não havia nem amigo, nem inimigo. A menos de dois mil metros de distância, o recife fatal, desnudado pela maré baixa, exibia seu perfil de pontas negras sobressaindo em meio às águas, mas não havia vestígio visível de nenhum barco. A julgar pela posição do sol, já passava bastante da metade do dia, então ele sabia que devia ter ficado inconsciente por algumas horas. Naquele intervalo, os vikings que tivessem escapado dos recifes evidentemente teriam içado as velas e escapado, deixando para trás somente os mortos no canal.

– Eles se foram – ele disse, virando-se de volta. – Amigos e inimigos, mortos ou afogados, como eu estaria, se não fosse por você, bela jovem.

Lado a lado, escalaram as rochas em silêncio até alcançarem uma trilha para carneiros, varrida pelo vento, por onde chegaram ao topo de um morro coberto de urzes.

No início, andaram em silêncio, com a jovem à frente, andando rápido pela trilha estreita. Estein reparava nos cabelos loiros que o vento soprava e criou um emaranhado que expunha-lhe o pescoço. Percebeu como era alta e esguia. Aos poucos, subindo pela encosta até chegarem a uma parte mais regular de terreno, ele enfim se colocou ao lado dela.

– Como você foi parar onde me encontrou? – ele quis saber.

– Eu estava no morro – ela respondeu – quando vi os barcos no canal e os remadores fazendo de tudo para escapar da correnteza. Depois vi que alguns tinham afundado. Os destroços vinham boiando e, como minha vista é muito boa, vi um homem agarrado a uma tábua. Então, ele veio boiando e ficou enganchado num rochedo. Pensei que talvez pudesse salvar uma vida. Então, desci até a praia, e você já sabe o resto.

– Sim, sei e preciso lhe agradecer por minha vida, por estar vivo. E também sei que nem todas as jovens teriam sido tão generosas.

Ela sorriu e seu sorriso era daqueles que iluminam o rosto.

– Melhor agradecer à maré que foi tão bondosa e trouxe você até a areia. Se tivesse ficado no meio do canal, eu pouco teria podido ajudar.

Mas você ainda não me contou como foi que se deu o naufrágio.

Estein falou da tempestade em alto-mar e da batalha contra os vikings. Como tinham caído um a um e como ele também teria sido dado por morto se não fossem as rochas e a maré.

Enquanto ouvia, os olhos dela traíam seu interesse pela história. Quando ele terminou ela disse:

– Já ouvi falar de Liot e Osmund. São os piores desalmados de todos os ladrões destes mares. Agradeça por ter escapado deles.

Ele perguntou o nome dela. Ela disse que era Osla, filha de um líder norueguês que tinha combatido em mares irlandeses e finalmente decidira ficar morando por lá. Sua filha tinha nascido e vivido a infância na Irlanda. Eram traços do sotaque irlandês que Estein tinha reparado na maneira como ela falava. Numa batalha final, seus dois irmãos tinham caído, o pai fora obrigado a fugir dali, e Osla foi embora de sua casa na Irlanda para vir com ele morar em Orkney. Ela acrescentou:

– Ele é um santo homem cristão. Antes, foi um viking famoso e seu nome era muito conhecido nos mares ocidentais. Agora, prefere que esse nome seja esquecido e só é chamado de Andreas, em homenagem a um dos apóstolos abençoados. Vivemos nós dois aqui, nesta pequena ilha isolada, distantes de todos, tentando viver como nossos antepassados.

– Deve ser uma vida tranquila para vocês – Estein observou.

– Também penso dessa maneira às vezes – ela disse, sorrindo. – E qual é o seu nome?

Estein hesitou por um instante. Um pensamento lhe cruzou a mente: “Ela não deve saber que sou o filho do rei de Sogn até que tenha realizado alguma coisa mais digna de um príncipe descendente de Yngve do que um derrotado por dois vikings orkneys”. Foi quando disse que seu nome era Vandrad, o Azarado.

– Desde bem jovem tenho me aventurado pelos mares e acho que não serei boa companhia para o seu pai.

– Meu pai já conheceu outros aventureiros do mar – ela disse, com um

olhar sorridente.

Nessa altura, tinham praticamente atravessado a ilha, e Estein viu à sua frente outro longo canal em cuja extremidade desenhava-se uma ilha grande e montanhosa que seguia à esquerda até onde a vista alcançava, e à direita acabava na ponta do estreito onde formava um promontório de paredão escarpado como um precipício. No meio do canal, uma ilhota verde lembrava um monstro marinho aproveitando o fim de uma tarde ensolarada.

Quando alcançaram o alto do declive que ia dar no mar numa descida bem íngreme, ele olhou ao redor com toda a atenção para tentar avistar algum sinal de vida no mar ou em terra firme. Lá embaixo, bem à esquerda, um grupo de casas pequenas em torno de um espaço com um poço indicava a moradia de um comandante. Na ilha do outro lado da água, espalhavam-se alguns sítios e, na ilhota, seus olhos conseguiram discernir um tênue fio de fumaça. Os mares desertos, assim como toda a paisagem, pareciam infundidos de um calmo isolamento.

– Aquela é a minha casa – Osla disse, apontando para a ilhota verde. – Os antigos chamavam-na de Ilha Sagrada. Nossa casa era a cabana de um anacoreta e, como você pode ver, nossas terras são as menores. Você está satisfeito de vir para um lugar assim?

Estein sorriu.

– Se você mora aqui, estou contente – completou.

Osla fez um movimento com a cabeça que pretendeu, sem conseguir, demonstrar impaciência.

– Isso é fácil de dizer agora – ela observou. – Se puder repetir essas palavras depois de ter vivido um dia inteiro como um eremita, posso começar a acreditar em você.

Desceram o morro e, num arroio que dava na praia, chegaram a uma pequena canoa.

– Esse é o nosso grande barco – Osla explicou. – Se quiser mostrar gratidão, pode me ajudar a colocá-lo na água.

Depois de ter posto a canoa na água, ela disse a Estein:

– Agora, você pode descansar enquanto eu remo.

– Nunca tive o costume de deixar uma moça remar para mim – ele falou, enquanto tomava os remos.

– E os seus ferimentos?

– Se tenho algum, já me esqueci.

– Bom, vou deixar que reme, já que a maré está a favor, e você não vai ter de tomar cuidado com a correnteza. Quando está forte, as águas ficam turbulentas...

Estein riu.

– Vejo que estou com um timoneiro habilidoso – ele disse.

– E eu, que tenho uma tripulação com excesso de confiança – ela retrucou.

Somente os pios distantes de codornizes quebravam o silêncio do canal solitário. As notas do canto tornavam-se cada vez menos audíveis quanto mais se afastavam da terra. O sol se punha devagar entre os promontórios voltados para o mar e, quando chegaram à orla da ilha, a quietude era total e o ar do norte esfriava rapidamente. Osla conduziu o viking por uma subida forrada de capim rasteiro até enfim alcançarem o topo, onde chegaram a um conjunto de construções tão estranhas e primitivas que a Estein pareceu difícil terem sido construídas por homens mortais.

De frente para o lado do canal limitado por terra firme, voltadas para a pequena baía, algumas cabanas monásticas marcavam o limite norte de uma igreja cristã. Esse posto avançado havia sido abandonado há muito tempo e só duas habitações, todas feitas de pedra, não pareciam desertas e largadas. Um fino ténue de fumaça subia reto para o céu no ar imóvel e, diante da entrada da cabana de onde vinha a fumaça, aguardava um homem velho e venerável. Mesmo com um discreto encurvamento das costas, ainda era bem mais alto do que o normal. Tinha sobrancelhas grossas, desgrenhadas, e sua barba cinzenta lhe cobria o peito todo. Trazia um manto longo e volumoso, já descolorido pelo tempo,

amarrado na cintura por um pedaço de corda; na mão, segurava um grande cajado.

Quando Estein chegou mais perto, as sobrancelhas do ancião se curvaram para indicar quanto o desagradava a surpresa, mas ele esperou em silêncio até que sua filha falasse.

– Trouxe este aventureiro que naufragou, pai – disse Osla. – Acho que está ferido, sem dúvida está molhado e com fome. Eu disse que lhe daríamos comida e abrigo e os cuidados que seus ferimentos precisarem.

– De onde veio? – o velho quis saber.

– Do canal que fica depois da ilha. Pelo menos estava no canal quando o encontrei.

– E agradeço à sua filha por não estar lá agora – Estein acrescentou.

– Qual é o seu nome?

– Sou conhecido como Vandrad, filho de um nobre, dono de terras na Noruega.

Por um momento, o velho deu a impressão de que iria perguntar mais sobre a família do forasteiro, mas, em vez disso, indagou:

– E por que veio para estes lados?

– A razão disso é o vento, não eu. Orkney é o último lugar que eu pretendia conhecer.

– Você foi a pique?

– A pique, e fiquei na água a noite toda.

Num tom mais cordial, o velho disse:

– Enquanto estiver aqui é bem-vindo a partilhar o que podemos oferecer de melhor. Esta cabana é toda a minha moradia, mas, como você veio a esta ilha, entre em paz e descanse.

Curvando-se para passar o umbral de entrada, Estein deu um passo para dentro da morada de Andreas, o eremita. Iluminada apenas por uma janela pequena e pelo clarão da lenha que ardia na lareira, o aposento estava tomado pela penumbra, mas ali não parecia haver nada que fizesse aquele pirata parar na entrada. Aquilo era um rolo de fumaça que estava

vendo? O vento tinha mesmo soprado de repente, mesmo com a quietude da noite? Ele teve a sensação de ter visto um rosto que logo desapareceu e uma voz distante que lhe soprava um aviso.

– Não se impressione com a nossa pobreza. Não há nenhum inimigo pior do que isso aqui dentro – Osla garantiu com um toque de ironia, quando Estein se mostrava indeciso por um instante.

Estein não disse nada, mas adentrou rapidamente o aposento. Será que tinha mesmo ouvido uma voz de além-túmulo, ou seria só a imaginação de uma cabeça ferida? Era uma impressão tão insistente que ele se deixou levar momentaneamente pelo devaneio, e as palavras dos anfitriões ficaram perdidas. Ele conhecia aquele rosto, tinha ouvido aquela voz antigamente, mas no caleidoscópio de sua memória não conseguia achar um nome que lhe correspondesse, nenhum acontecimento a que pudessem se ligar.

A voz de Osla o trouxe de volta.

– Pai, precisamos lhe dar de comer e beber rapidamente. Está quase desmaiando, nem nos escuta.

O tumultuado combate a que tinha sobrevivido foi logo esquecido quando lhe deram de comer e delicadamente cuidaram de seus ferimentos. Uma chaleira apitava sua melodia sonolenta e parecia lançar sobre um feitiço irresistível. Como num sonho, ouviu o eremita fazer a prece da noite. A súplica, eloquente e breve, enunciada no seu dialeto próprio, era mais audível que o canto das aves no poleiro lá fora e terminou num silêncio reverente. Depois, na companhia do crepitar mais amistoso da lenha no fogo, Osla e ele separaram-se até romper o dia.

Estein e o eremita foram para fora, respirando o frescor da noite.

– Quem visita a Ilha Sagrada deve se contentar com travesseiros duros – Andreas avisou. – Aqui, nesta cabana, você terá uma coberta e um leito de pedra. Que Cristo o acompanhe durante a noite. Com essas últimas palavras, virou-se e voltou para dentro do cômodo praticamente vazio.

Estein ergueu os olhos para as estrelas, cintilando tão serenas sobre ele,

naquele lugar, quanto sobre o viking que há bem pouco tempo palmilhava o deque do próprio barco. Por um instante, ouviu o canto das aves, mais alto e sofrido do que antes. Então, lá no alto, viu um par de olhos azuis e ouviu uma voz que traía um leve tom de zombaria. Quando curvou a cabeça e entrou novamente na cabana, sorria para si mesmo por ter tido aquela visão tão prazerosa.



◊ FEITIÇO ◊ DA ILHA

O sol da manhã banhava a Ilha Sagrada. Sombras de flocos de nuvens corriam umas atrás das outras pelos morros e através do canal. Mais além dos promontórios, o mar azul brilhava calmamente.

Numa encosta gramada em que despontavam algumas rochas, Estein sentou-se ao lado de Osla, sorvendo o ar fresco da manhã. Ela já havia ordenhado a única vaca que possuíam, assado pães em quantidade suficiente para aquele dia e agora, concluídas suas tarefas domésticas mais simples, estava livre para dar atenção ao hóspede.

– Uma pena que meu pai esteja de mau humor – ela disse. – Seu estado de ânimo muda sempre. Não sei quando nem por quê. Hoje, amanhã talvez, quem sabe por quatro dias ou mais, ele só vai ficar sentado na cabana, ou no capim diante da porta, sem dizer uma única palavra, mal me respondendo quando falo com ele. Não lhe dê atenção; ele não pretende ser grosseiro com o nosso hóspede.

– Parece que ele não gosta de mim – Estein comentou. – Você disse que ele veio para cá para se afastar das pessoas e agora tem de aturar um desconhecido, viking ainda por cima.

– Não é por isso – ela esclareceu. – Esse mau humor acontece quando estamos sozinhos; às vezes, vem quando uma tempestade está se